

C.P.

BOLETIM

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

No intuito de satisfazer os pedidos que nos foram feitos por alguns decifradores dos Problemas Recreativos do *Boletim da C. P.*, comunica-se que a partir do corrente ano, além dos prémios trimestrais que já são oferecidos aos decifradores, haverá um prémio anual constituído por uma ou mais obras literárias que serão oferecidas ao decifrador que apresenta maior número de decifrações durante o ano.

No caso de haver mais de um, proceder-se-á a sorteio pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Cada decifrador não pode receber mais do que um prémio em cada 3 anos seguidos.

O prémio que o *Boletim da C. P.* oferece este ano é constituído pelas seguintes obras de Oliveira Martins, edição de luxo:

- Os filhos de D. João I.
- A vida de Nun'Alvares.
- O Príncipe Perfeito.

O 1.º prémio da lotaria de 80 de Novembro último coube ao n.º 2597 que, pelo *Boletim da C. P.* n.º 77 tinha sido atribuído ao colaborador *Vasconcelos*. Parabéns ao feliz charadista.

No trimestre corrente Janeiro-Março, a obra a disputar sera o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo*.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Galeno, 9 votos — Produção n.º 7

QUADRO DE HONRA

Britabranles, Mefistófeles, e Roldão

QUADRO DE MÉRITO

Vasconcelos (20), *Labina e Alenitnes* (17),
Visconde de Cambolh, Visconde de la Morliere,
Marquês de Carinhas, Veste-se, Fred-Rico, Otrébba,
Cruz Kanholo, Costasilva, Novata (15)

Soluções do n.º 77

1 — Malha-malhão, 2 — Ponta-pontão, 3 — Milho-milhão, 4 — Derricho-derricha, 5 — Agravo-agrava, 6 — Garra-garro, 7 — Quêbra-esquinas, 8 — Com água e com sol Deus é o criador, 9 — Escapular, 10 — Felpo, 11 — Ente, 12 — Paredro, 13 — Bootes, 14 — Baiuea, 15 — Fula, 16 — Fadar, 17 — Ganacho, 18 — Irmão, 19 — Sobole, 20 — Chicana, 21 — Mandato.

Aumentativas

1 — Quando examinava a doença no trigo ofereceram-me um fruto conhecido — 2.

Visconde de Cambolh

2 — e a «flor azul» crescia, crescia, no contra-forte do castelo — 3.

Mefistófeles

3 — Naquelle prédio ha uma oficina de alfaiate de regimento — 2.

Roldão

4 — Maçada ferro-viária

Formar o nome de um apeadeiro da C. P. com as letras da seguinte frase:

MÓNICA SONHA LIÇA

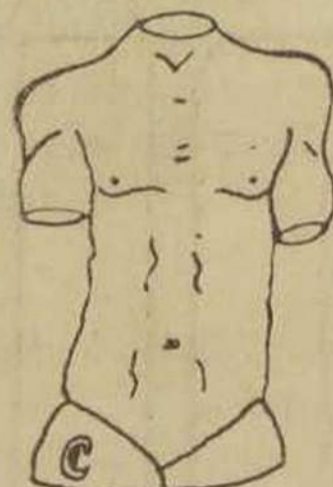
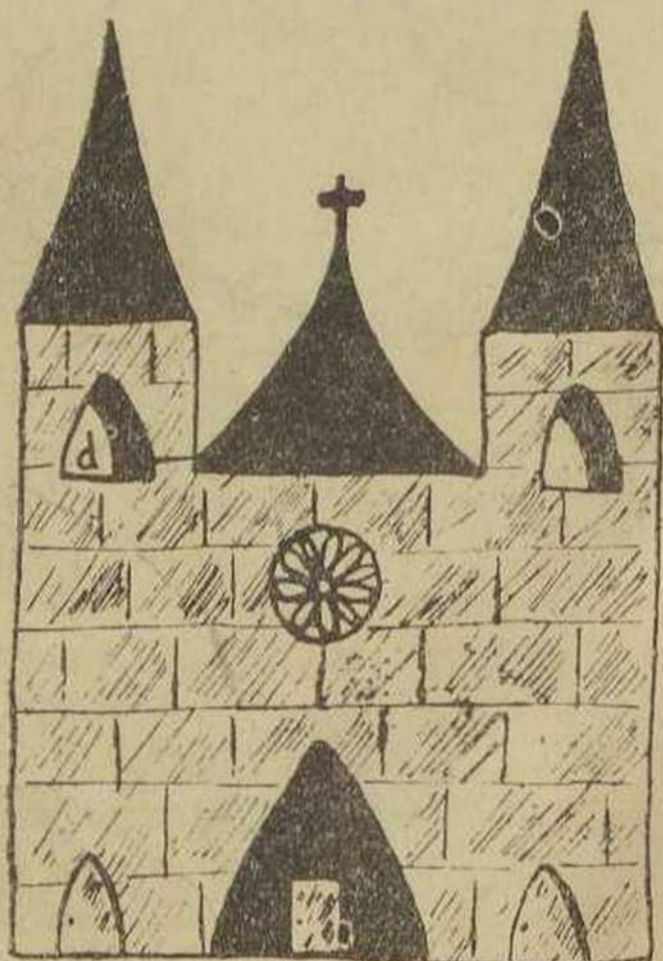
M 113

5 — Enigma tipográfico

I S.
VA 8 Letras

D. Quixote

6 — Enigma pitoresco



FILHO DE CARLOS MAGNO

Mefistófeles

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.



ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO GERAL

SUMÁRIO: Economizar. — Modelo de uma caldeira de locomotiva para instrução do pessoal de máquinas — A Higiene e a Civilização — Consultas e Documentos — Ateneu Ferro-viário — Transporte de vagões pela via pública — A comodidade nos expressos americanos — Concurso de desenhos e fotografias. — Pessoal.

Economizar

Pelo Ex.^{ma} Sar. Eng.^o Manuel Pinto Osório, Vice-Presidente da Comissão Executiva

A história é velha, mas merece ser contada, porque é sempre oportuna.

Um pobre rapaz, digno e honesto, viu-se um dia desempregado, quasi a resvalar na miséria. Bateu a muitas portas a pedir trabalho, mas encontrou-as inexoravelmente fechadas para elle. Recorrendo aos jornais, viu um dia um anúncio, no qual se pedia um empregado para certa casa bancária. Acorreu pressuroso, subindo mais uma vez penosas escadas, com o coração oprimido e sem esperança. Recebeu-o um senhor de aspecto grave, que inquiriu das suas habilitações, precedentes, condições de família, todo esse fastidioso rosário de perguntas que enerva o mais audaz pretendente. Não serviu.

Desce o mancebo tristemente a escada, de olhos baixos, pensando na crueza do seu destino. Ao atravessar o pátio, vê qualquer coisa que brilha ao sol. Curva-se, e levanta, solícito, um alfinete que prega na lapela do casaco. Ao transpôr a porta, ouve que o chamam. Retrocede. E é convidado então, pelo senhor de as-

pecto grave, a ocupar um lugar nos escritórios do Banco.

E' que o gerente do Banco vira, da janela, o acto do mancebo. Homem práctico, conhecedor dos homens, dissera consigo: Um mancebo que se curva, na rua, para aproveitar um alfinete, tem uma noção exacta da economia e deve ser um excelente empregado.

O senhor de aspecto grave não se enganou. Este honesto e digno mancebo foi o fundador de uma das mais poderosas casas bancárias francesas do século passado.

*

* *

Esta singela historietta li-a eu há já bastantes dezenas de anos, na minha selecta escolar. Era no tempo em que os livros, pelos quais a mocidade aprendia, e lhe ajudavam a formar o carácter, continham ensinamentos e bons princípios de moral, como os que se deduzem desta pequena anedota.

Não digo que seja condição necessária, para

se ser económico, andar pelas ruas, de olhos no chão, à procura de alfinetes caídos. Mas a recíproca pode ter-se como verdadeira. Quem aproveita um alfinete, que encontra perdido na rua, tem em si esse instinto de economia que nos leva a guardar o que não presta, na certeza de que, mais tarde ou mais cedo, os objectos na aparência insignificantes se traduzem para nós numa utilidade apreciável. Quanto dariamos nós, às vezes, para termos à nossa disposição um miserável alfinete!

Há quem confunda economia com avareza. Nada mais erróneo. A economia é uma virtude; a avareza uma má qualidade, direi mesmo um vício. O homem económico não se priva do necessário, mas arrecada o supérfluo. Circunscreve-se nos limites do seu orçamento caseiro; e se as circunstâncias lhe permitem chegar ao fim do ano com sobras, põe-nas a bom recato, pois conta com elas para lhe valerem nalgum momento difícil da sua vida. Ai daquêles que não querem, obstinadamente, olhar para o dia de amanhã! São os que confinam a sua existência no momento em que vivem, supondo-o eterno. Não se lembram de que a doença pode um dia paralisar-lhes o braço, cujo trabalho garante a subsistência dos seus. Esquecem-se das suas responsabilidades para consigo e para com a sua própria família. Sacrificam tudo ao seu prazer de um dia; e não perdem um minuto em reflectir nas vítimas que a sua imprevidência pode criar.

*

* *

Numa empresa como aquela que todos nós temos a honra de servir, há muitos alfinetes a aproveitar. Todas as pequenas economias, na aparência insignificantes, são-no apenas porque se apreciam isoladamente. O seu somatório, porém, pode traduzir-se, no fim do ano, por muitas centenas de contos. O povo do norte do país, quando quer exprimir quanto prejuízo pode trazer à economia doméstica o desgoverno de uma dona de casa, costuma dizer: *uma mulher, a deitar fora com um alfinete, gasta mais do que aquilo que um homem, com uma enxada, pode arrastar para casa. Quere*

o povo dizer, na sua linguagem imaginosa, que não são as grandes despesas, quando necessárias, que prejudicam a economia caseira; mas os pequenos desperdícios, de todos os dias e de todas as horas, que, no fim do ano, absorvem e excedem tudo quanto o homem, pelo seu trabalho, pode carregar para o lar. Descontando o que possa haver de exagerado neste conceito popular, fica ainda uma grande margem de irrefutável verdade.

De facto, nada mais exacto do que isto. São os pequenos nada's que desequilibram os orçamentos. Nas grandes empresas estes pequenos nada's, sobre representarem falta de ordem e de zelo, podem atingir somas consideráveis, que podiam ser aproveitadas mais proficuamente, mesmo em benefício daquêles que são responsáveis por esses desperdícios. Uma torneira mal fechada, que, pela noite fora, deixa correr um delgado fio de água; uma luz que fica toda a noite acesa, consumindo uma fraca quantidade de energia, mas que o inexorável contador não deixa de medir; candieiros que se acendem quando o Sol não tem terminado ainda a sua rota diária; papel que podia ser aproveitado para minutas, contas, ou apontamentos de menor importância, atirado negligentemente para o cesto dos papéis velhos; os envelopes — esses famigerados envelopes! — destinados a capear processos volumosos, contendo, as mais das vezes, um insignificante X 14; êstes, e outros pequenos nada's representam, no fim do ano, algumas centenas de contos perdidos, mas, mais do que isso e pior do que isso, a existência de nocivos hábitos inveterados que é necessário combater com energia e vontade.

A Companhia passa, actualmente, por uma crise de que tem de sair vencedora. Para isso necessita do esforço e do auxílio de todos. Qualquer empregado, por mais restrito que seja o campo onde exerça a sua acção, tem maneira eficaz de bem servir a Companhia: é ter sempre na memória a historietta com que iniciei este pequeno artigo, e tomar para tema da sua vida esta sentença popular:

Guarda o que não presta e terás o que te é preciso.

Modêlo de uma caldeira de locomotiva para instrução do pessoal de máquinas

PARA ser instalado na carruagem-escola que a Companhia está organizando, e a-fim-de nas aulas servir para demonstrações práticas ao pessoal de máquinas, acaba de ser construído nas Oficinas Gerais de Lisboa um modêlo, à escala, de uma caldeira de locomotiva.

O tipo de caldeira escolhido foi o das locomotivas da série 501/508, e a escala adoptada foi a de 1/5 do tamanho natural.

A caldeira-modêlo ficou, pois, com um comprimento total de 2^m,200 desde o extremo inferior da caixa de fogo até à prumada do centro da porta da caixa de fumo e com um pêso de cerca de 250 quilogramas.

Na construção do modêlo, tanto no que respeita à caldeira propriamente dita como a todos os seus acessórios, fôram empregados exactamente os mesmos materiais da caldeira original, não se tendo fugido, para isso, a qualquer dificuldade de execução. A escala foi rigorosamente respeitada nos mais pequenos pormeno-

res mesmo naquêles em que seria impossível qualquer posterior verificação.

Só tendo seguido dia a dia a execução se poderia formar uma idea da enorme soma de trabalho que a construção desta caldeira-modêlo representa; basta dizer, por exemplo, que certas peças há pesando apenas alguns miligramas, e que algumas outras tiveram de ser seguras com pinças para poderem ser trabalhadas à lima e montadas.

Foi necessário preparar ferramenta especial para a execução de muitos trabalhos que, em virtude das dimensões impostas pela escala, estavam absolutamente fora de tudo o que é normal e corrente em uma oficina de caminhos de ferro. Assim fôram, por exemplo, fabricados propositadamente machos-mandris em miniatura para se poder mandrilar e atarrachar o escoramento do teto e das chapas laterais da caixa de fogo; a cravação das escoras foi também feita com martelos pneumáticos espe-

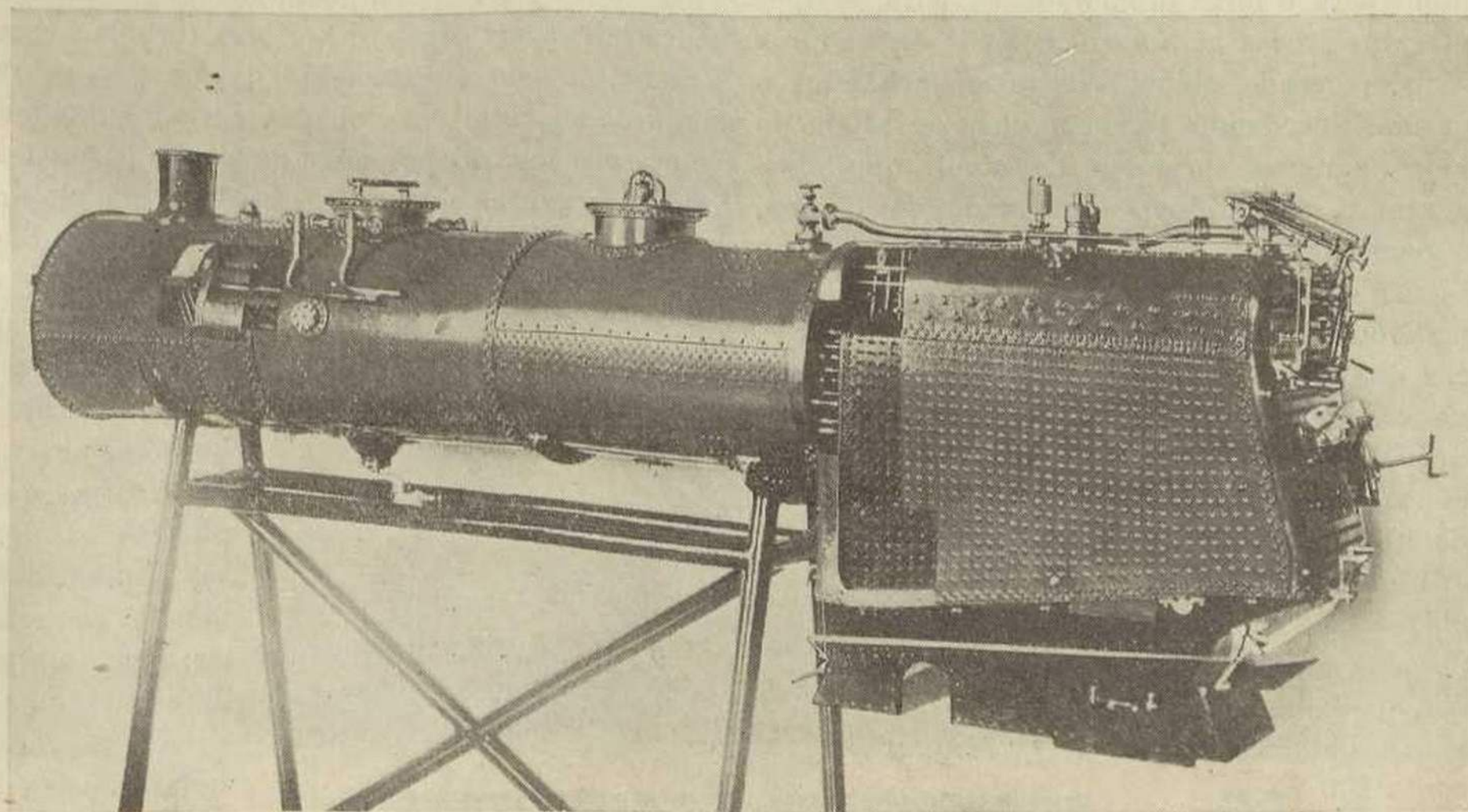


Fig. n.º 1 — O modêlo de uma caldeira de locomotivas, vendo-se duas aberturas feitas nas chapas exteriores a-fim-de mostrar a disposição dos seus órgãos interiores

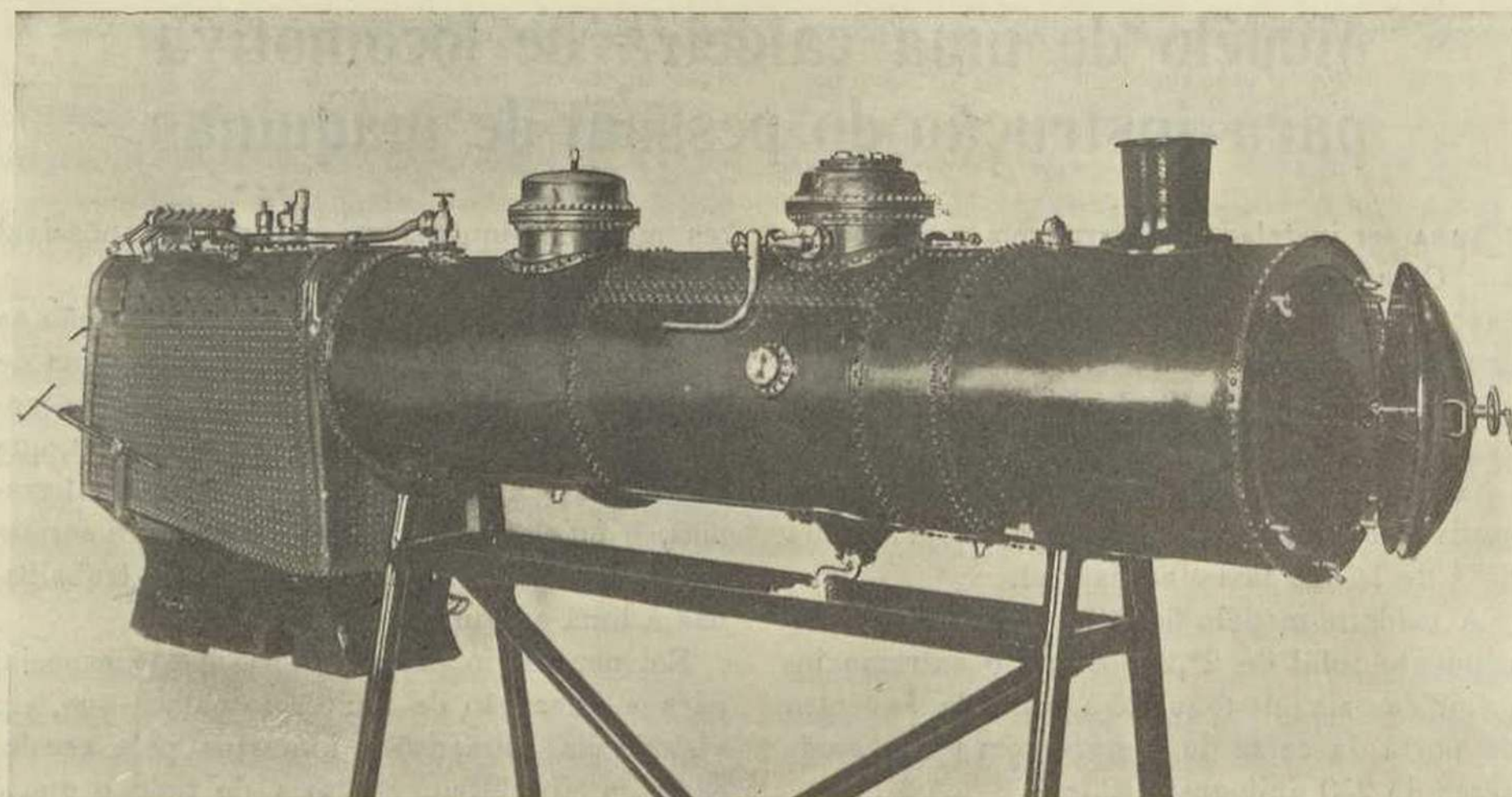


Fig. n.º 2 — O modelo de uma caldeira de locomotiva, vendo-se as tampas das cúpulas montadas

cialmente preparados para o efeito; etc. Nem todos os materiais necessários à execução fôram encontrados com facilidade, devido à sujeição das dimensões. Assim, por exemplo: foi necessário encomendar no estrangeiro os tubos para o feixe tubular da caldeira, e algumas das brocas para a execução de certos furos só com grande dificuldade se encontraram, o mesmo sucedendo também com os tubos de vidro para as torneiras de nível, que obrigaram a correr todo o mercado de Lisboa.

Se desmontássemos uma a uma todas as peças que figuram na caldeira-modelo, encontraríamos cerca de 10.300. Só o colector de tomadas de vapor para os auxiliares, que cabe na palma da mão, conta 203 peças desmontáveis (tantas não deve

ter um relógio de algibeira...); foi o órgão mais trabalhoso, quer de fundição, quer de acabamento, devido à delicadeza da peça.

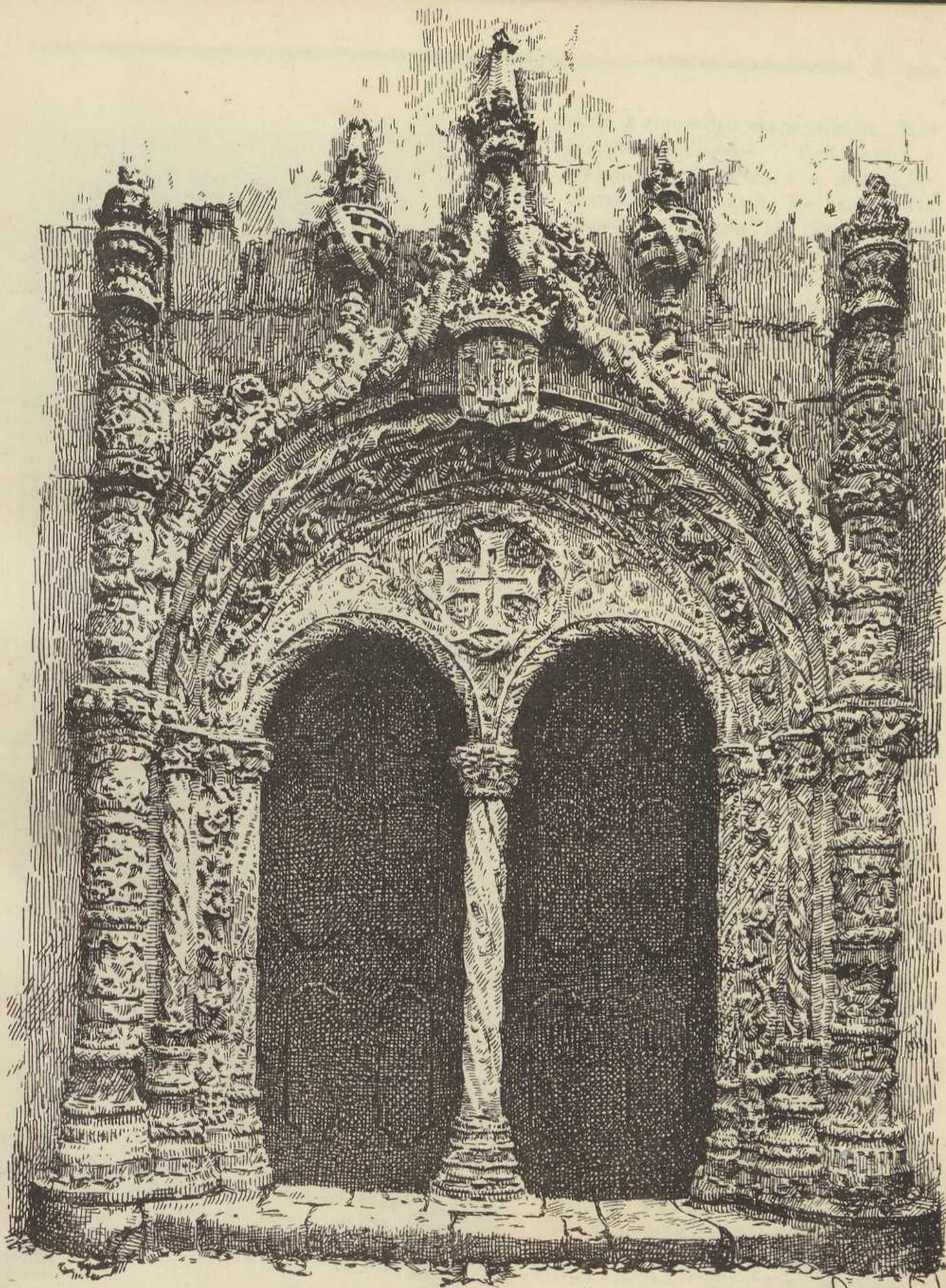
Atendendo ao fim a que se destina esta caldeira-modelo, fôram feitos três cortes nas chapas exteriores por forma a poder-se mostrar a disposição dos seus órgãos interiores (tubular, escoamento, contraventamento das chapas, sobre-aquecedor, etc.). As chapas cortadas fixam-se nos seus lugares por meio de alguns parafusos.

As gravuras mostram a caldeira-modelo em

3 posições diferentes sobre o seu cavalete-suporte, vendo-se, na primeira, duas das aberturas feitas nas chapas exteriores a que acabamos de nos referir: uma no corpo cilíndrico, na altura da chapa tubular da caixa de fumo, e outra na caixa de fogo,



Alguns dos operários que mais se distinguiram na construção da caldeira-modelo
Da esquerda para a direita: Snr. Mateus Lopes, caldeireiro; Snr. António dos Santos Martins, torneiro; Snr. António Ribeiro, cerralheiro montador; Snr. Alfredo Maria da Silva, cerralheiro ajustador



Artur José Guerreiro
1935

Viana do Castelo — Porta da Igreja Matriz

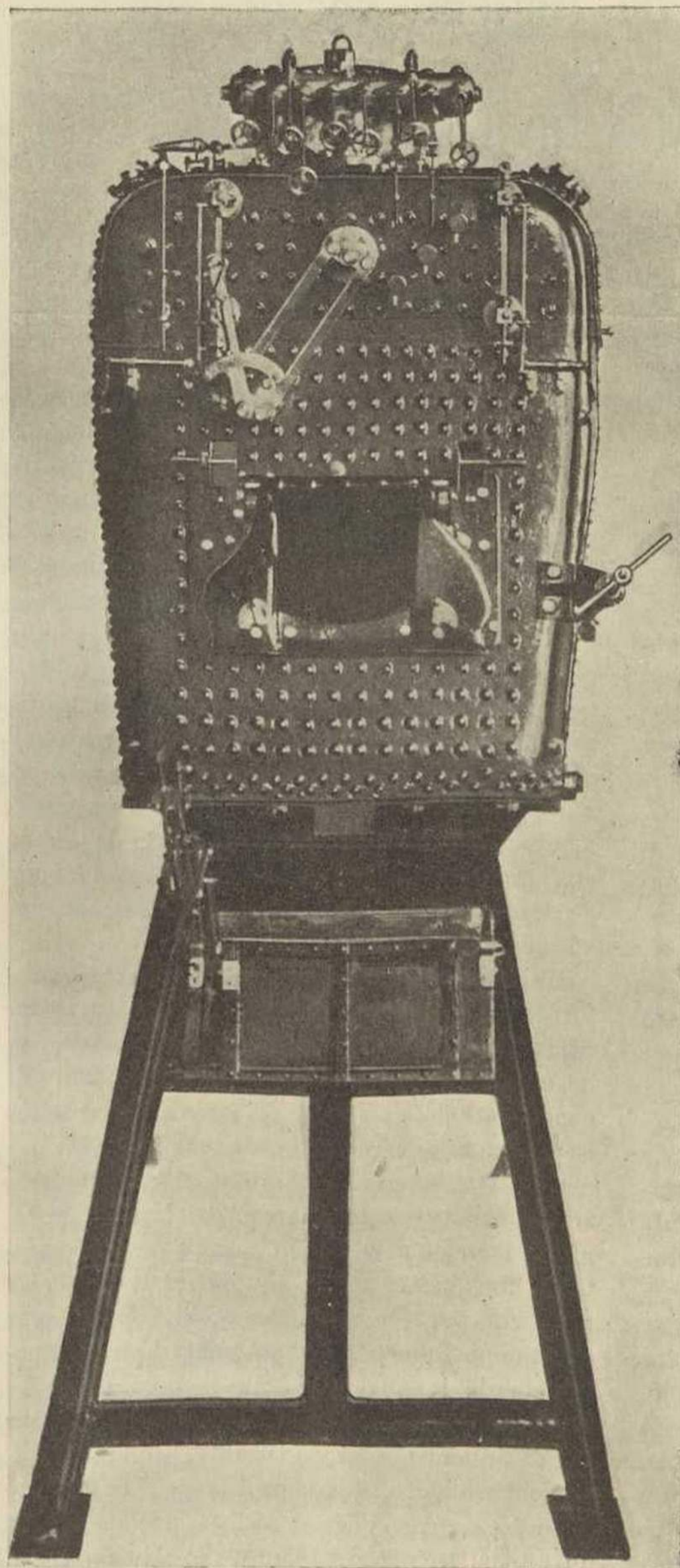


Fig. n.º 3 — O modelo de caldeira de locomotiva, vendo-se nitidamente o colector de tomada de vapor para os auxiliares que foi uma das peças mais trabalhosas

junto à respectiva chapa tubular. Para permitir igualmente o fácil exame à válvula do regulador e à chicana de alimentação, a fixação das tampas das respectivas cúpulas foi feita somente por 4 parafusos, tendo sido serrados todos os outros. Na segunda gravura vê-se as tampas das cúpulas montadas, não figurando elas na primeira por terem sido retiradas.

Como se vê ainda nas mesmas gravuras, a caldeira possui todos os acessórios, incluindo o cinzeiro com as suas portas de visita, palas e mecanismo do movimento das mesmas, fuso do movimento do jôgo móvel das grelhas, portas da fornalha e da caixa de fumo, válvulas de segurança, regulador, e, enfim, tôdas as torneiras e válvulas necessárias ao seu funcionamento. O apito é de cinco sons, como os ultimamente montados em algumas locomotivas da série 501/508.

Como era natural a execução da caldeira foi confiada aos cerralheiros, torneiros e caldeireiros que mais se têm distinguido em trabalhos de precisão.

De entre todos os operários que intervieram na sua construção, não podemos deixar de destacar—tanto pela quantidade como pela qualidade do trabalho realizado, além do interesse e dedicação de que deram provas,—os seguintes :

torneiro António dos Santos Martins;

caldeireiro Mateus Lopes;

cerralheiro montador António Ribeiro, e cerralheiro ajustador Alfredo Maria da Silva, este último, sobretudo, para os trabalhos de lima mais delicados e rigorosos, em que é exímio.

Merece ainda referência especial o chefe da equipa de traçagem da caldeiraria Luiz Caramelo, e o contramestre Carlos Eugénio Castanheira que dirigiu todo o trabalho de acabamento.



Conferências de higiene social

A HIGIENE E A CIVILIZAÇÃO

Conferência realizada pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. *Fernando Duarte de Azeredo Antas*, médico substituto da assistência domiciliária de Gaia

(Conclusão)

Por vezes o desenvolvimento rápido da Civilização, em determinado sentido, pode trazer a decadência física, momentânea, da comunidade e abreviar até a duração média da vida. Assim aconteceu, no século passado, com o precipitado desenvolvimento das indústrias, nos grandes centros, que promoveu o êxodo, em massa, dos campos para as cidades; como nem as indústrias se exercessem, desde logo, em locais e em condições apropriadas, nem o trabalho fôsse, desde princípio, regulamentado, nem nos centros fabris houvesse habitações salubres, em número correspondente ao acréscimo da população, formaram-se, assim, enormes focos de propagação, das mais variadas doenças. Factos similares se estão passando, cremos, actualmente, com o exercício desregrado dos desportos e com a excessiva frequência dos cinemas, em recintos falhos de condições higiénicas. Mas as nacionalidades, conscientes do seu papel, nunca deixam, nem deixarão de, a tempo, tomar as medidas que necessárias sejam para atenuar ou remover semelhantes desvios.

Não se pense que a higiene seja apanágio das civilizações modernas. Sempre ela se exerceu nos povos mais antigos, nalguns tendo atingido até um elevado grau de perfeição, que depois se perdeu. Assim, entre os Romanos, a prática da balneação estendeu-se por todo o vasto império, sendo os seus balneários dotados dos mais salutareos e racionais instalações e, por vezes, atingindo requintes de comodidade e de luxo, ainda hoje raramente excedidos. Mas, já nas épocas prehistóricas, se fazia de algum modo higiene, embora empírica ou instintivamente. Quando o homem dessas longínquas eras procurou as cavernas, para nelas habitar, foi já com o fim de se preservar das intempé-

ries e de se subtrair a outras causas de destruição, praticando, desta forma, uma higiene rudimentar.

Nas regiões extremamente frias, os povos de outras idades e ainda alguns que actualmente vivem perto dos polos, alimentando-se exclusivamente de gorduras dos animais e protegendo-se com as peles dos mesmos, faziam, para defeza da sua saúde, o mesmo que ainda hoje se pratica entre nós, quando a temperatura desce abaixo de certos limites. É claro que não vamos alimentar-nos com óleo de foca, nem nos dedicamos inteiramente à caça dos animais selvagens, para lhes utilizar a pele, como exclusiva cobertura, mas, quando o frio aperta, reforçamos as nossas rações alimentares com mais manteiga, ou azeite, com carne gorda de porco, etc., e os que podem não deixam de mandar vir de terras distantes as custosas peles com que eficazmente se agasalham.

Mais tarde, os moralistas e os filósofos, conforme as doutrinas que professam, assim interpretam as doenças e suas causas, adoptando, em harmonia, certas normas, reputadas como eficazes para as combater ou evitar. Estas eram impostas aos exércitos pelos seus generais, ao mesmo tempo que as religiões as incluíam nos seus preceitos e mandamentos. Umas não tinham consistência e iam variando com o sistema filosófico, ou com as doutrinas religiosas mais em voga; mas outras subsistiam através dos tempos, porque tinham como base a experiência de longos anos, fixada pela tradição. E, assim, os judeus e os árabes, que habitavam regiões quentíssimas do Oriente, promulgaram, respectivamente, nos seus Livros Santos e no Alcorão a abstinência dos alcoólicos e da carne de porco, ao mesmo tempo que do seu ritual religioso fazia parte o salutar preceito das abluções frias diárias.

Os Bramanes, na Índia, queimavam os seus mortos, atirando com as cinzas ao Ganges, e banhando-se, ao mesmo tempo, neste rio sagrado, tomam afinal, com todo o cerimonial religioso, a salutar precaução de esterilizar os cadáveres, que, freqüentemente, ali, se acumulam em grande número devido a terríveis epidemias, ao passo que os sobreviventes se vão purificar, em seguida, nas águas do rio.

E' certo também que pelas religiões se radicaram e propagaram perniciosos preconceitos, que, entre os fanáticos, são difíceis de exterminar, mas a evolução constante das religiões, adaptando-se aos progressos da Civilização, tem conseguido proscrive-los, pouco a pouco, dos seus rituais.

Na Grécia, como depois em Roma, a educação física pelos desportos era seguida metódicamente pelos exércitos, ao mesmo tempo que eram regulamentados e graduados o vestuário, a alimentação e os exercícios, conforme as épocas do ano e o clima das regiões em que tinham de fazer as suas distantes e prolongadas campanhas.

Quando, porém, a medicina adquiriu a sua autonomia, desde logo a hygiene teve como sacerdotes os médicos, assim como só a estes compete hoje determinar, em campanha, as normas que os exércitos têm de seguir, a bem da sua saúde.

A hygiene vai ganhando sempre em eficácia, à medida que a medicina avança em precisão.

Mas tudo o que temos exposto e o muito que nos faltaria dizer prova que, se a hygiene acompanha sempre, em última análise, os progressos da Civilização, também esta não é compatível com práticas higiênicas deficientes.

Um povo que não defende a sua salubridade, é um país em retrocesso, como tantas vezes sucede por tacañez de visão dos seus governantes ocasionais. Por vezes, os pruridos marvóticos, o delírio da ostentação e das grandezas, fazem preterir aquelas medidas profiláticas e outras que a hygiene aconselha — o que além de tudo, expõe essas nacionalidades, desorientadas, aos maiores perigos.

Hoje, a hygiene demanda ao serviço uma luzida *équipe* de médicos e colaboradores espe-

cializados, um bom apetrechamento de material sanitário e ainda, e principalmente, as grandes e dispendiosas obras públicas, indispensáveis para o saneamento das regiões e dos aglomerados insalubres. Então, se isto é necessário em alguns países da velha Europa, nas regiões africanas e nalgumas da Asia, é escusado pensar em progressos da Civilização, se, ao mesmo tempo, e muitas vezes previamente, não mandarmos à frente missões constituídas por médicos higienistas, por técnicos versados em variadas ciências e por práticos especializados. Sem isso não é viável sequer a Civilização.

Naquelas localidades que são constantemente dizimadas pelo sezonismo, pela doença do sono, pela febre amarela, pela disenteria e por outras doenças fortemente contagiosas, como hão-de aí adaptar-se os brancos, se até os homens de côr, familiarizados e habituados aos climas tórridos, são por algumas dessas enfermidades, às vezes, ainda mais intensamente atingidos?

Quando os franceses se propuzeram fazer a abertura do canal do Panamá, ligando assim os dois grandes mares Atlântico e Pacífico, lançaram mãos a essa grandiosa obra, sem previamente tomarem quaisquer providências de ordem higiênica, e o resultado foi que ali perderam a vida verdadeiros exércitos de operários, empregados na escavação do canal. Contou-se por muitos milhares os que sucumbiram vítimas das doenças tropicais, entre elas principalmente a febre amarela. A empresa faliu, e só mais tarde é que os Estados Unidos da América retomaram o empreendimento, mas, desta vez, estudando primeiro as condições do meio em que tinham a executar os seus trabalhos e os processos de as modificarem. Limpam os terrenos, em volta, do mosquito transmissor de febre amarela, asseguraram a pureza das águas destinadas a serem consumidas pelos trabalhadores, modificaram as condições dos terrenos em que tinham de assentar, primeiro, os acampamentos, e depois os numerosos edificios destinados às máquinas, aparelhagem e habitações, necessárias para a exploração da travessia; e só então, depois de haverem dispendido somas colossais, e de terem consumido dois anos nesta preparação higiênica, é que, afluindo trabalhadores de toda a parte do mun-

do, rasgaram, em muito menos tempo, e sem perdas sensíveis de vidas, o canal, por onde hoje passam navios de todos os povos da terra.

É, entre muitos outros, este, um exemplo frisante de que a hygiene é, algumas vezes, a percursora, e sempre, a condição essencial da viabilidade e da continuidade dos progressos materiais entre os povos.

Para a maior parte dos ouvintes não será desconhecido que o Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, que ainda ha poucos anos ofereciam o constante perigo da febre amarela, das disenterias, etc., são hoje freqüentadas e habitadas, sem o menor receio, por imigrantes idos de todos os continentes, mercê das medidas sanitárias adoptadas, e rigorosamente postas em execução, pelos seus Prefeitos municipais. E assim essas cidades têm podido engrandecer-se e embelezar-se, por forma a rivalizarem com as mais notáveis do Velho e do Novo Mundo.

A hygiene praticada em qualquer país conscienciosamente, em toda a sua intensidade e extensão, cria riqueza, não só por os motivos que acabamos de expôr, mas ainda porque, trazendo como conseqüências o aumento de duração da vida média, uma maior natalidade e menor mortalidade, tudo isto vem a traduzir-se em acréscimo e conservação de valores, por mais tempo, a benefício da família e da sociedade. Além disso, se é certo que o indivíduo são, que gose de inalterável saúde e sabe conservá-la, é naturalmente um cidadão calmo, bem disposto e alegre, não se deixando dominar pela irrascibilidade, também as nacionalidades, que são aglomerados maiores ou menores de indivíduos, hão-de beneficiar da boa disposição dos seus componentes, sendo portanto mais raras as questões, os tumultos e as lutas intestinas, ou com os outros povos. E' o que rialmente vemos naqueles países de sã hygiene, a que já nos referimos, tais como a Dinamarca, a Suíça, a Holanda, a Suécia e a Noruega, todos êles pouco dados a irrequietismos e resolvendo as suas contendas internas ou externas, por meios pacíficos. E' flagrante o contraste entre os povos do norte e os do sul da Europa, e, se êle se pode explicar, até certo ponto, por

uma diferença de raças e climas, parece-nos que não erraremos, se lhe dermos também a explicação apontada.

Entre nós, tem havido e continua a haver homens notabilíssimos em tôdos os ramos da ciência e em todas as manifestações da arte, capazes de conceberem e de realizarem os mais alevantados e progressivos empreendimentos. Não nos faltam faculdades creadoras e realizadoras. Mas a verdade, a triste verdade, é que a cultura geral do nosso povo é muito baixa, como aliás, não pode deixar de ser, num país que conta a desoladora percentagem de 60, de analfabetos. Esses três a quatro milhões de indivíduos, que entre nós não sabem ler nem escrever, não têm maneira de adquirir os conhecimentos indispensáveis para um bom convívio social e para a compreensão dos preceitos higiênicos. Como poderão êles distrair e ilustrar o seu espírito com os bons livros? Como é que os nossos intellectuais hão-de ter mercado para os seus productos literários, se quási metade dos portuguezes os não podem lêr e dos restantes uma grande percentagem tem uma instrução deficiente?

Factos diversos, não obstante, nos demonstram que os portuguezes ao mesmo tempo que são, na sua quási totalidade, dotados de índole pacífica, têm uma organização anatómica, ou, mais precisamente, cerebral, capaz de se adaptar às mais elevadas civilizações. Falta-lhes, porém, no nosso país o poder educativo da escola e o bom exemplo, nesta, na oficina, na fábrica, na caserna e por toda a parte em que haja de conviver.

Dão-se entre nós, freqüentemente, lamentáveis transgressões higiênicas, até por indivíduos colocados em elevadas posições sociais, como seja o facto de escarrarem por tôda a parte, onde quer que se encontrem. Quando êstes assim procedem, praticando uma infracção de sociabilidade, das mais repugnantes e perigosas, como é que os nossos analfabetos hão-de proceder doutra forma, se nem os avisos—que ainda há necessidade de colocar por toda a parte—podem ler!...

Quanto à hygiene pública, deve dizer se que

ela deixa muito a desejar e, pelo menos na Europa, Portugal é um dos países mais atrasados, se não o que ocupa o último lugar.

Uma grande parte dos aglomerados citadinos não tem água de boa qualidade e na quantidade precisa, nem esgotos em boas condições. Aqui, em Gaia, falta uma e outra coisa. No Pôrto, a maior parte da área da cidade não tem ainda esgotos regulares. Então, por essas aldeias fóra, abundam as fontes de chafurdo e muitas outras não oferecem garantias de pureza.

A habitação é por toda a parte anti-higiênica e sem conforto. No Pôrto, há, calculado por dados oficiais, sessenta mil indivíduos, isto é, aproximadamente um quarto da sua população, que vivem, nas mais precárias condições sanitárias — direi mesmo em circunstâncias miseráveis.

Isto é assim, e ainda o será por muito tempo, enquanto aos cuidados de Assistência, da Higiene e da Instrução se não dê o lugar primordial entre os demais serviços públicos, na certeza de que só eles poderão produzir uma sólida riqueza e bem-estar. Exigem despesas consideráveis e, para nós, implicam sacrifícios de grande vulto? Não importa: elas são despesas de remuneração certa, a que os povos conscientes da sua dignidade se não poupam.

A título de curiosidade, vejamos, no quadro «D», como Portugal se comporta entre as outras nações, nas estatísticas, que são os indicadores do grau a que nelas chegou o culto da higiene.

As médias, referentes ao período que decorre, desde o princípio do ano de 1901, até ao fim de 1910, foram transcritas do Tratado de Higiene já citado; as que dizem respeito aos anos que vão de 1924 a 1932 inclusivé, obtivemo-las no número de Julho de 1934 do *Office International de Hygiene Publique*. Apenas transcrevemos para aqui alguns países da Europa.

Portugal não figura na 1.^a Estatística, mas podemos calcular quão elevada seria a sua quota de mortalidade, se atendermos a que na série de números que corresponde ao 2.^o período, de 9 anos, que termina em 1932, e portanto muito recente, ele ocupa o alto da coluna, com uma cifra superior à de todos os outros países considerados.

D Mortalidade por 10.000 habitantes

PAÍSES	Média anual de óbitos desde 1901 a 1910	Média anual de óbitos desde 1924 a 1932
Portugal.....	—	186
Espanha.....	252	183
Itália	216	159
França.....	194	164
Alemanha	187	116
Suíça..	167	121
Inglaterra	154	121
Holanda	151	97
Suécia.....	149	120
Dinamarca.....	142	111

Mas se não obtivemos os números que representam a letalidade de Portugal nos decénios anteriores à Guerra, encontramos no entanto o quadro «E», que estabelece a redução ou baixa que as estatísticas da mortalidade acusaram nesses 10 anos (1901 a 1910) em relação ao decénio anterior de 1891 a 1900

Por onde se vê que a Dinamarca — país onde não existem analfabetos e em que os orçamentos que dizem respeito à Instrução e Saúde Pública excedem todos os outros, podendo dizer-se que praticamente não têm limites, por isso que eles são sempre, sem restrições, tão elevados quanto possível — reduziu, em 10 anos,

E Baixa de mortalidade no decénio de 1901 a 1910, em relação ao decénio anterior de 1891 a 1900

PAÍSES	Por 100
Dinamarca	23
Holanda.....	21
Alemanha	19
Inglaterra.....	18
Espanha	17
Suíça	14
Itália	12
França	11
Suécia	10
Portugal.....	5

a quota da sua mortalidade a 1/4 da que tinha obtido nos 10 anos anteriores, não obstante ser já, dentre tôdas as nacionalidades mencionadas, aquela que vinha tendo menor número de óbitos, ficando abaixo dos 150, enquanto os países do sul andam pela casa dos 200 e a Espanha passa ainda além dos 250.

Há anos appareceu no exército de Dinamarca um soldado que não sabia ler; o caso produziu grande escândalo e fez-se logo um rigoroso inquérito, vindo a apurar-se que êsse recruta era um anormal.

Em Portugal o Anuário de Estatística, dá-nos, no ano de 1933, a mortalidade de 120.996 que corresponde à de 177 por cada 10.000 habitantes — ainda das mais elevadas na Europa.

Vejamos agora o que se passa em nossa casa:

Ninguém de boa fé pode afirmar que os nossos Caminhos de Ferro não tenham progredido, sob tôdos os aspectos, e que as medidas de hygiene tenham sido descuradas.

— Faz-se uma efectiva e cuidadosa assistência, exercida por médicos competentes, em que não faltam os especialistas, alguns de nome em todo o país. Os agentes atingidos pela tuberculose e pelo sezonismo, têm pelos Regulamentos da nossa Companhia, garantias especiais.

— Procede-semeticulosamente à desinfecção das carruagens, das habitações ou dos estabelecimentos da Exploração, sempre que uma doença suspeita o determine.

— Há postos de socorros, dotados da aparelhagem indispensável, servidos por enfermeiros habilitados, sob a direcção dos respectivos médicos.

— Não faltam, em tôdas as estações e em todos os combóios, ambulâncias munidas de todos os artigos indispensáveis para os primeiros socorros, que o pessoal de trens está habilitado a prestar, sem hesitações, na falta de médico.

— Quasi tôdas as estações são abastecidas de boa água potável e àquelas que, em certa época do ano a não tenham, está assegurado o seu fornecimento diário. Os nossos Serviços de Saúde têm prestado sempre a este indispensá-

vel elemento toda a sua atenção, e, já mais de uma vez houve necessidade de intervir, quer proscovendo determinada água, quer afirmando a inocuidade de outra que aos agentes parecia suspeita.

— Sempre que se tenham notado quaisquer defeitos sanitários, como seja a deficiência ou viciação de esgotos, logo o Serviço de Saúde acode, mostrando a necessidade da sua correcção ou execução modernizada.

— Têm-se modificado muitas habitações e alguns dormitórios; e outras se têm construído em condições higiénicas tão perfectas quanto possível.

Têm-se construído:

— Escolas: para os filhos dos ferro-viários.

— Sanatórios: tais como o de Paredes de Coura, S. Braz de Alportel e agora o da Covilhã.

— Dispensários.

Vai em breve inaugurar-se o Dispensário Anti-tuberculoso do Entroncamento.

— Balneários, etc.

De desejar é que, nos lugares de maior affluência de agentes, se construam balneários, onde, além dos indispensáveis banhos de limpeza, se possa fazer a hidroterapia.

Aqui temos na nossa família ferro-viária bastantes analfabetos. Estes terão de ser educados, sob o ponto de vista higiénico, por estas e outras palestras, que foram iniciadas agora, pelas instruções especiais a que são obrigados, pelos conselhos e, sobretudo, pelo exemplo dos seus superiores hierárquicos. Todos aqueles que exerçam funções dirigentes devem assistir às conferências, que, sobre assuntos de palpitante interesse, vão ser feitas por alguns colegas, com outra competência que não a minha. Mas devem todos ler o excelente manual, intitulado «Conselhos de Hygiene», onde o nosso Médico-Chefe, Ex.^{mo} Senhor Dr. Carlos Lopes, compendia, sob forma metódica, concisa e de grande clareza, os preceitos higiénicos, que devem ser seguidos por aqueles que têm a estrita obrigação de conservar a saúde própria, velar pela dos seus familiares e não prejudicar a dos seus camaradas.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

I — Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 632. — Peço seja detalhada a seguinte taxa: 4 jaulas com pombos correios de Faro a Coimbra, com o peso de 60 quilos, em G. V. Expedidor e consignatário: Sociedade Columbófila do Algarve.

Para a redução de 50% prevista na c/impressa 1051 do Serviço da Fiscalização e Estatística, foi apresentado o cartão de identidade do delegado.

R. — Segue o detalhe da taxa:

Tarifa Geral, base 6.ª com a redução de 50%.

S. S. — 284 Km.

$$\frac{34\$39 \times 50}{100} = 17\$19,5$$

$$\text{Preço } \frac{17\$19,5 \times 11 \times 6}{100} = \dots\dots\dots 11\$35$$

$$\text{Manutenção } \frac{\$50 \times 11 \times 6}{100} = \dots\dots\dots \$33$$

$$\text{Registo } \dots\dots\dots \$55$$

12\\$23

$$\text{Adicional de 10\% } \dots\dots\dots 1\$23$$

$$\text{Arredondamento } \dots\dots\dots \$04$$

13\\$50

A. R. — 233 Km.

$$\frac{28\$50 \times 50}{100} = 14\$25$$

$$\text{Preço } \frac{14\$25 \times 11 \times 6}{100} = \dots\dots\dots 9\$41$$

$$\text{Manutenção } \frac{\$50 \times 11 \times 6}{100} = \dots\dots\dots \$33$$

$$\text{Aviso de chegada } \dots\dots\dots \$55$$

10\\$29

$$\text{Adicional de 10\% } \dots\dots\dots 1\$03$$

$$\text{Arredondamento } \dots\dots\dots \$03$$

11\\$35

$$\text{Total } \dots\dots\dots 24\$85$$

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Público A. n.º 467. — (9.º Aditamento ao Aviso ao Público A. n.º 57). Regula o serviço combinado com a Empresa Mineira do Lena.

Aviso ao Público A. n.º 468. — Anuncia a venda, em algumas estações da linha do Minho, de bilhetes de ida e volta a preços reduzidos para o Porto e Braga.

Aviso ao Público A. n.º 469. — Anuncia as condições em que é facultada ao Público a aquisição de bilhetes de cupões combinados, tendo em vista as recentes alterações introduzidas nesse serviço.

Aviso ao Público A. n.º 470. — Determina que, desde 20 de Novembro até 31 de Dezembro de 1935, as expedições de vagão completo de batata quando transportada sem acondicionamento com destino à estação de Lisboa-Cais dos Soldados não desfrutam da duplicação de prazos para a descarga de remessas de vagão completo.

Circular n.º 841. — Transcreve a portaria publicada no *Diário do Governo* de 8 de Novembro p. p. acerca da entrada, nas estações, de agentes dos organismos que se ocupam da fiscalização das produções, comércio e trânsito de determinados produtos.

Circular n.º 842. — Dá instruções às estações, no que diz respeito às formalidades a observar na aceitação a despacho de remessas de frutas secas do Algarve.

Comunicação-Circular n.º 32. — Esclarece que o prazo de validade dos bilhetes de ida e volta vendidos numa Central para outra, se deve considerar ampliado por mais dois dias, correspondendo um dia a cada um dos percursos por estrada.

Comunicação-Circular n.º 33. — Estabelece a aplicação do mínimo de 5 toneladas às expedições de vagão completo de «caruma» enquanto não for publicado o Aditamento à Classificação Geral de Mercadorias.

3.º Aditamento à Tarifa de Camionagem de Lisboa. — Altera as disposições do art.º 5.º da referida

Tarifa, bem como as taxas para a camionagem de bagagens entre as estações de Lisboa, por intermédio da Empresa Geral de Transportes, L.^{da}.

5.º Aditamento à Tarifa Internacional n.º 401 de G. V. — Actualiza os partícipes espanhóis e franceses.

9.º Aditamento à Tarifa Internacional n.º 402 de G. V. — Actualiza os partícipes espanhóis e franceses.

2.º Aditamento às Tarifas Internacionais n.ºs 301 e 302 de G. V. — Estabelece a venda de bilhetes de ida e volta para a estação de Hendaia e actualiza os partícipes espanhóis e franceses.

II — Fiscalização

Carta Impressa n.º 1361. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados na 2.ª quinzena do mês de Outubro de 1935 e que devem ser apreendidos.

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935



Crepúsculo



*Fotog. do Sr. Manuel Gonçalves
empregado de 2.ª classe dos
Serviços Gerais de Exploração.*

Carta Impressa n.º 1362. — Constando que um indivíduo, que se intitula sargento do exército se utiliza abusivamente de um bilhete de identidade, recomenda a todo o pessoal activa fiscalização, de fôrma que seja apreendido o bilhete acima citado.

Carta Impressa n.º 1363. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena do mês de Novembro de 1935 e que devem ser apreendidos.

Carta Impressa n.º 1364. — Em aditamento à carta impressa n.º 1353, informa que aos sócios do Sindicato Nacional dos Jornalistas, portadores da respectiva carteira de identidade, foi concedida a entrada gratuita nas gares, mediante a apresentação da referida carteira.

Carta Impressa n.º 1365. — Comunica que foi estabelecido acôrdo de publicidade com o jornal *Do Meio Dia*, em virtude do qual o transporte dêste jornal pode ser feito gratuitamente nos combóios da Companhia.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Novembro de 1935

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 7...	4.967	4.935	1.761	1.734	2.377	1.975
» » 8 a 14...	5.003	4.968	1.729	1.816	2.212	1.771
» » 15 a 22...	5.250	5.278	2.183	2.043	2.128	1.799
» » 23 a 30...	5.683	5.484	2.110	2.234	2.186	1.603
Total	20.903	20.665	7.783	7.817	8.903	7.148
Total do mês anterior	22.972	22.317	8.905	9.540	13.128	10.699
Diferença	-2.069	-1.652	-1.122	-1.723	-4.225	-3.551



Factos e informações

Ateneu Ferro-viário

Associação Cultural do Pessoal da C. P.

Festas do primeiro aniversário

Como prometemos no anterior número do *Boletim*, vamos relatar como decorreram as festas comemorativas do primeiro aniversário da inauguração do Ateneu Ferroviário, conforme o programa organizado pela respectiva Direcção, coadjuvada por alguns dedicados consócios. Os diversos números de tão atraentes festejos fôram revestidos de excepcional brilhantismo e tiveram a apreciá-los, como o comprovam as gravuras que inserimos, numerosíssima concorrência de sócios e de suas famílias, bem como de muitos funcionários superiores da Companhia e representantes de algumas colectividades congêneres.

As festas tiveram início na noite de sábado, 30 de Novembro, no Gijnásio da antiga Escola

Académica, com um grandioso sarau, sob a direcção do Snr. Heitor de Vilhena, empregado do Serviço da Contabilidade Central, após uma breve alocução do presidente da Direcção, Snr. Felix Perneco, ouvindo-se em seguida o Hino do Ateneu, aplaudido por tóda a assistência.

Seguidamente, foi recitada pela aluna menina Maria Luísa de Magalhães uma poesia com o título «Saüdação», da autoria do Snr. José Santana Mota, empregado da Divisão de Via e Obras, a qual depois foi largamente distribuída.

A curtos espaços, durante o baile que se iniciou no meio do maior entusiasmo, fôram exibidos diversos números de canto e recitação pelas alunas do Ateneu meninas Amélia de Magalhães, Carolina Alves, Dinah da Cunha Borges, Egídia dos Santos Ruivo, Ester Cardoso, Fernanda Gonçalves, Gabriela Nieto Fernandes, Laura Gonçalves, Maria Amélia de Quintanilha, Maria Dulce Lopes, Maria Eufrásia Trindade, Maria João de Magalhães, Maria

Justina de Magalhães, Maria Luísa de Magalhães e Simone Nieto Fernandes, e pelos Snrs. António Alves da Silva, Francisco da Silva Vieira, Joaquim dos Santos R. Malta, Heitor de Vilhena e José Amaro de Figueiredo, sendo os acompanhamentos ao piano feitos pelo Snr. Joaquim dos Santos Rodrigues Malta, também empregado da Divisão de Via e Obras, todos sócios do Ateneu.

No piano, a sólo, fez-se ouvir, executando uma difícil valsa



A assistência ao baile e sarau na noite de 30 de Novembro passado



Grupo de alunas do Ateneu que tomaram parte no sarau com os Snrs. Heitor de Vilhena, que as ensaiou, e Joaquim R. Malta, que as acompanhou ao piano.

de concêrto, a sócia do Ateneu D. Celeste Fortuna de Matos, empregada do Serviço de Fiscalização e Estatística.

Durante o sarau, também o Snr. Loubet Moreira Bravo, factor de 3.^a classe da estação de Gaia, cantou algumas canções de Coimbra, sendo imensamente aplaudido.

A convite da Direcção, o professor de dança Snr. Artur Rodrigues, acompanhado pela sua discípula D. Arlete Samora Gomes, fez uma exibição da «Fôta», dança característica portuguesa de 1830, em trajes ao rigor da época, e depois um interessante bailado regional.

As 0 horas, celebrando o dia 1.^o de Dezembro, que começava, a Orquestra executou o Hino da Restauração, que foi muito aplaudido.

*
* *

No domingo, 1 de Dezembro, realizou-se, pelas 14 horas, na séde do Ateneu, um lanche de confraternização entre os alunos da classe de ginástica infantil do Ateneu e os pupillos do Orfanato Ferroviário

da C. P. e do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste, tendo êstes sido aguardados pelos primeiros, acompanhados do respectivo professor, Snr. José Júlio Moreira, na estação de Lisboa-Terreiro do Paço.

Antes da refeição, o Snr. Felix Perneco, presidente da Direcção do Ateneu, deu as boas vindas aos pupillos daquelas instituições de Beneficência e saudou as suas Direcções, frizando o character altruista daquêlê número do pro-

grama das Festas com que o Ateneu celebrou o seu 1.^o aniversário. Explanou a acção educativa desenvolvida pelo Ateneu como centro cultural e de civismo, salientando que na mesma data daquela festa, 1.^o de Dezembro, se celebrava a Festa da Independência da Pátria Portuguesa, fazendo, a propósito, algumas considerações.

Pouco depois das 15 horas, no vasto recinto do Ginásio, que se encontrava imensamente concorrido, realizou-se o concêrto, dedicado à Imprensa, pela Banda-Orquestra do Ateneu,



Os alunos da classe de ginástica infantil do Ateneu, com os pupillos do Orfanato Ferroviário da C. P. e do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste, durante o lanche realizado no dia 1 de Dezembro passado

sob a regência do Maestro Snr. Serra e Moura, cujos componentes lhe ofereceram, na ocasião, um retrato.

O concerto constou de vários números, que conquistaram gerais aplausos, pela correcção com que fôram executados.

Nêsse mesmo dia, pelas 21 horas, realizou-se, como constava do programa, uma sessão de cinema educativo, em aparelho sonoro, sendo exibido, além de outros filmes adequados à festa a película «Homens de Ferro», que foi muito apreciada.

*
* *
*

No dia imediato, segunda-feira, 2 de Dezembro, data exacta do 1.º aniversário do Ateneu, realizou-se, pelas 22 horas, no Ginásio, uma sessão solene comemorativa, seguida da distribuição de prémios aos mais distintos alunos do ano lectivo de 1934-35.

A Mêsá desta sessão foi constituída pelos Snrs. Engenheiro Branco Cabral, Secretário Geral da Companhia, que representava o Snr. Presidente do Conselho de Administração, tendo à direita os Snrs. Engenheiro Pedro Filipe Adeodat de Brion, Sub-Chefe da Divisão de Material e Tracção, representante do Snr. Director Geral; Engenheiro Manuel Maria Machado Campêlo, Chefe do Serviço de Tracção, e Engenheiro Valentim Bravo, Sub-Chefe de Serviço das Oficinas Gerais do Barreiro; e à esquerda os Snrs. Mário Augusto Martins de Oliveira, Presidente da Assembleia Geral do Ateneu; Comercialista Francisco Pinto Moledo, Chefe de Serviço, Adjunto, da Contabilidade Central, e Vasco de Moura, Secretário, Adjunto, da Direcção Geral da Companhia.

Em lugares especiais, tomaram assento, à direita da Mêsá, os professores do Ateneu, e, à esquerda, os membros da Direcção e representantes de outras colectividades.

Aberta a sessão, o Snr. Felix Perneco, que falou em primeiro lugar, apresentou as homenagens da Direcção do Ateneu às personalidades que constituíam a Mêsá, cumprimentou o corpo docente, ao qual agradeceu o esforço constante com que tem exercido a sua missão,

agradecendo, também, aos representantes de outras colectividades a sua assistência àquela solenidade e à Imprensa a propaganda que tem feito do Ateneu.

Explanou depois os progressos que o Ateneu tem registado no curto espaço de um ano, demonstrando, assim, ser uma instituição dotada de excelentes condições de vitalidade, e que maiores ainda seriam se as suas instalações lhe proporcionassem melhor cumprir a sua função educativa e social, e terminou por agradecer o patrocínio do Conselho de Administração e da Direcção Geral da Companhia.

Em seguida, usou da palavra o Snr. Vilar Coelho, representante da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, que felicitou o Ateneu pela comemoração do seu 1.º aniversário, apresentando cumprimentos à respectiva Direcção.

Em nome do corpo docente, falou depois o Snr. Dr. Abel dos Santos, agradecendo os elogios que aos professores fôram dirigidos e apreciando largamente o significado dos prémios escolares, concluindo por dizer que êstes representam o reconhecimento dos professores e da Direcção pelo aproveitamento dos alunos.

Por último, falou o Snr. Engenheiro Branco Cabral. Justificou a falta do Snr. Presidente do Conselho de Administração, que o incumbira de o representar naquela solenidade, afirmando que S. Ex.^a, bem como todos os restantes Administradores da Companhia acompanham com o maior interêsse a obra cultural do Ateneu.

Procedeu depois à distribuição dos prémios, que fôram conferidos aos seguintes alunos: Português, Maria Dulce Lopes; Francês (1.ª classe), Amélia de Magalhães; Francês (2.ª classe), Joaquim Miguel de Oliveira; Inglês, Maria Amélia Garcia de Lemos; Aritmética e Geometria, António Manuel Pinheiro; Contabilidade e Escrituração Comercial, José Constantino Neves; Música, Carolina Alves.

Além dêstes prémios dados pelo Ateneu, fôram, também, conferidos dois prémios de aproveitamento geral, o primeiro constituído por uma linda pasta de secretária com um canto de prata, oferta do Conselho de Administração, ao aluno Manuel dos Santos; e o



A Mesa que presidiu à sessão solene e distribuição de prémios aos alunos do Ateneu

segundo, constando de um estôjo com uma caneta de tinta permanente e lapiseira, oferta da Direcção Geral, ao aluno Carlos Frederico Aguiar.

O anúncio destes prémios especiais, feito pelo Presidente da Direcção do Ateneu, provocou, da parte da assistência, uma prolongada salva de palmas.

Terminada a sessão solene, deu-se início ao sarau lírico, organizado pelo tenor Snr. Guilherme Bizarro, empregado do Serviço do Tráfego, no qual foi executado o seguinte programa: 1.ª parte — Versos pelo Snr. Alberto dos Santos Malta, empregado da Di-

visão de Material e Tracção; «Raconto» da ópera «Bohème», de Puccini; «Ideal», canto pelo soprano Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Luísa Correia Mendes; árias das óperas «Salvator Rosa» e «Simon Boccanegra», canto pelo baixo Ex.^{mo} Snr. Manuel Mergulhão Júnior, acompanhado ao piano pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Albertina Mergulhão; «Serenade», de Schubert, e «Qui te fait si sévère», ária da ópera «Thaïs», canto pelo soprano Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Izabel Bizarro. — 2.ª parte — Versos pelo Snr. Alberto Malta; «Eterna canção», do Dr. António Viana; «Canção de Maria», de Nicolino Milano, pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Izabel Bizarro; «Mimo-



Grupo dos alunos de ginástica infantil, Ateneu, pupilos do Orfanato da C. P. e do Instituto do Sul e Sueste

sa», canção brasileira, de L. Frois, pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Luísa Correia Mendes; «Cantiga», de Barroso Neto, pelo Ex.^{mo} Snr. Manuel Mergulhão Júnior, acompanhado ao piano pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Albertina Mergulhão.

As Festas do 1.^o aniversário do Ateneu terminaram, em 15 de Dezembro, com um almoço de confraternização entre os corpos gerentes, colaboradores e muitos sócios do Ateneu.

O *Boletim da C. P.*, congratula-se pelo brilhantismo como decorreram as festas.



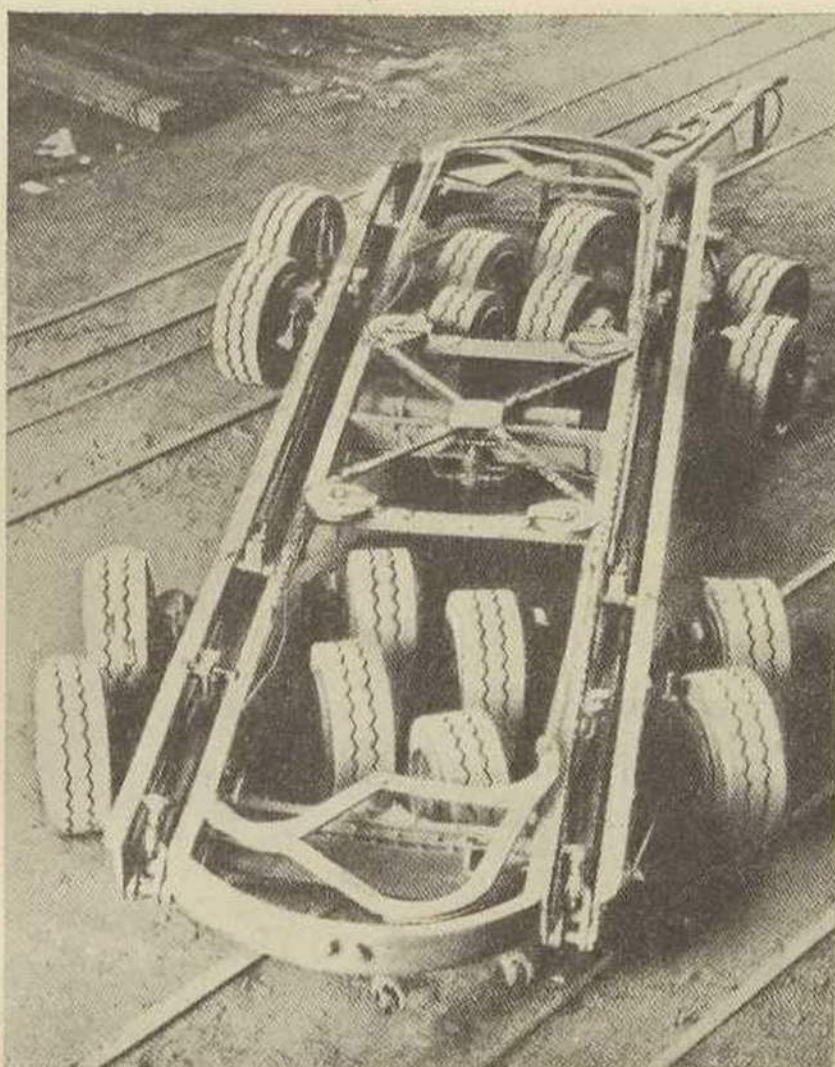
CONCURSO
DE FOTOGRAFIAS
DE 1935



LISBOA
ANTIGA



Fotog. do Snr. Abel Leile Pinto,
Empregado de 2.^a classe da
Divisão de Exploração.



A zorra sôbre a qual são colocados os vagões

Concurso de desenhos e fotografias

Terminou no passado mês de Dezembro o concurso de desenhos e fotografias relativo ao ano de 1935. Em breve, depois da classificação

dos trabalhos apresentados, realizar-se-á, como temos anunciado, uma exposição de todos os desenhos e das melhores fotografias enviadas aos concursos de 1934 e 1935. Nessa ocasião terão todos o ensejo de apreciar directamente alguns desenhos e fotografias que são indiscutíveis valores artísticos.

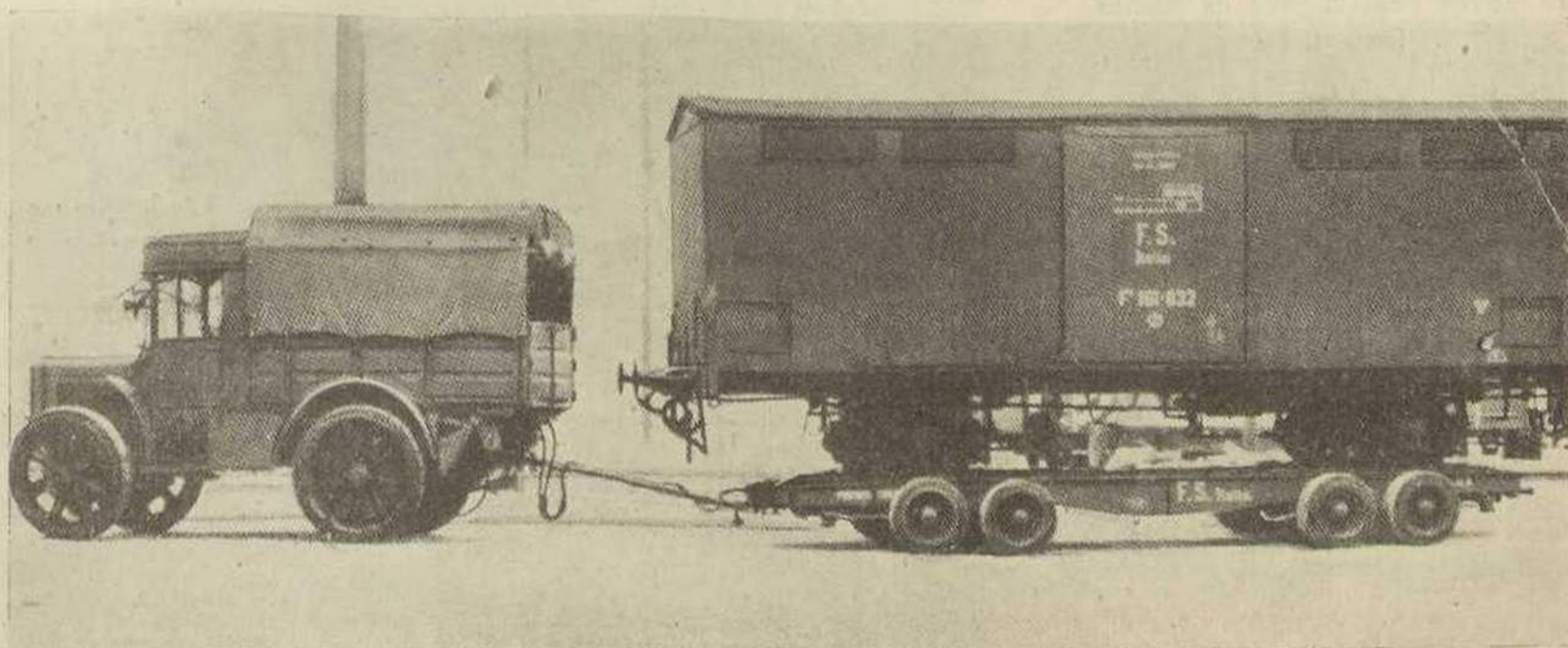
Transporte de vagões pela via pública

Os Caminhos de Ferro do Estado Italiano têm realizado experiências, nas ruas de Roma, com um tractor destinado ao transporte de vagões pela via pública.

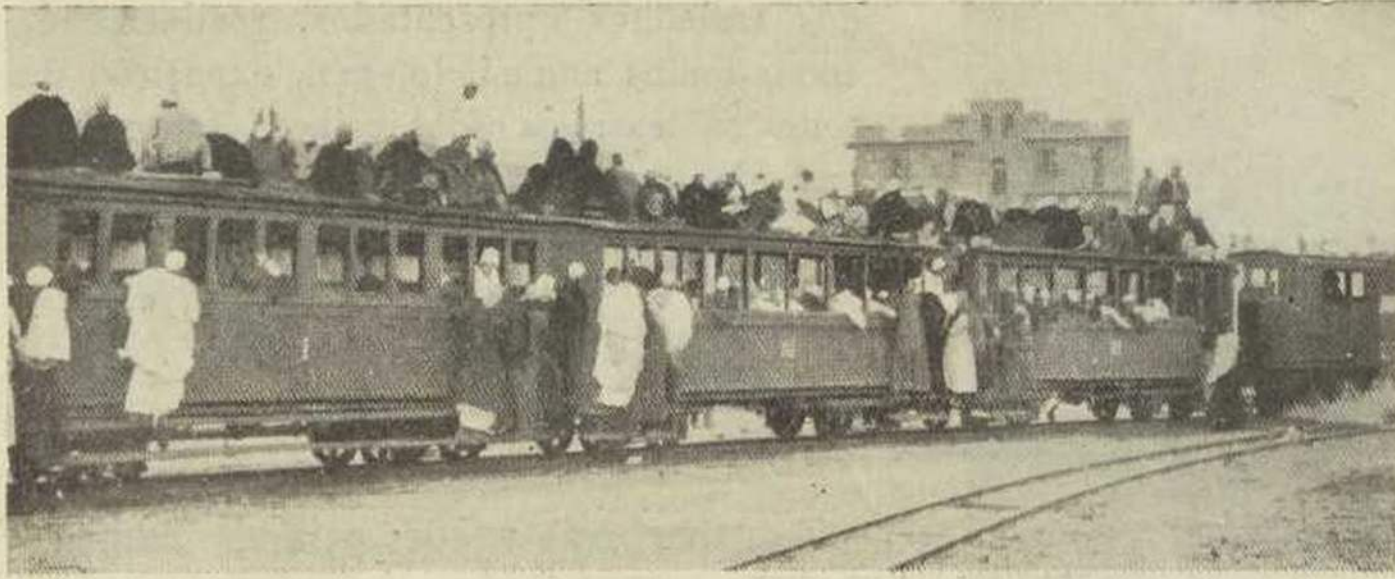
Os Caminhos de Ferro do Estado Alemão possuem um elevado número de veículos de tipo semelhante, que utilizam correntemente e com os quais já fôram transportados, por forma inteiramente satisfatória, cêrca de 2.500 vagões.

As gravuras que inserimos dão uma idea perfeita do mecanismo dos novos veículos, dispensando-nos da sua descrição.

O bom resultado obtido com êstes transportadores de vagões, leva a supôr que, num futuro próximo, venham a substituir, com vantagem, os conhecidos «arcazes» (*containers*), que em alguns países são empregados com êxito, no transporte de mercadorias de porta-a-porta.



Rebocando pelas ruas de Roma um vagão carregado

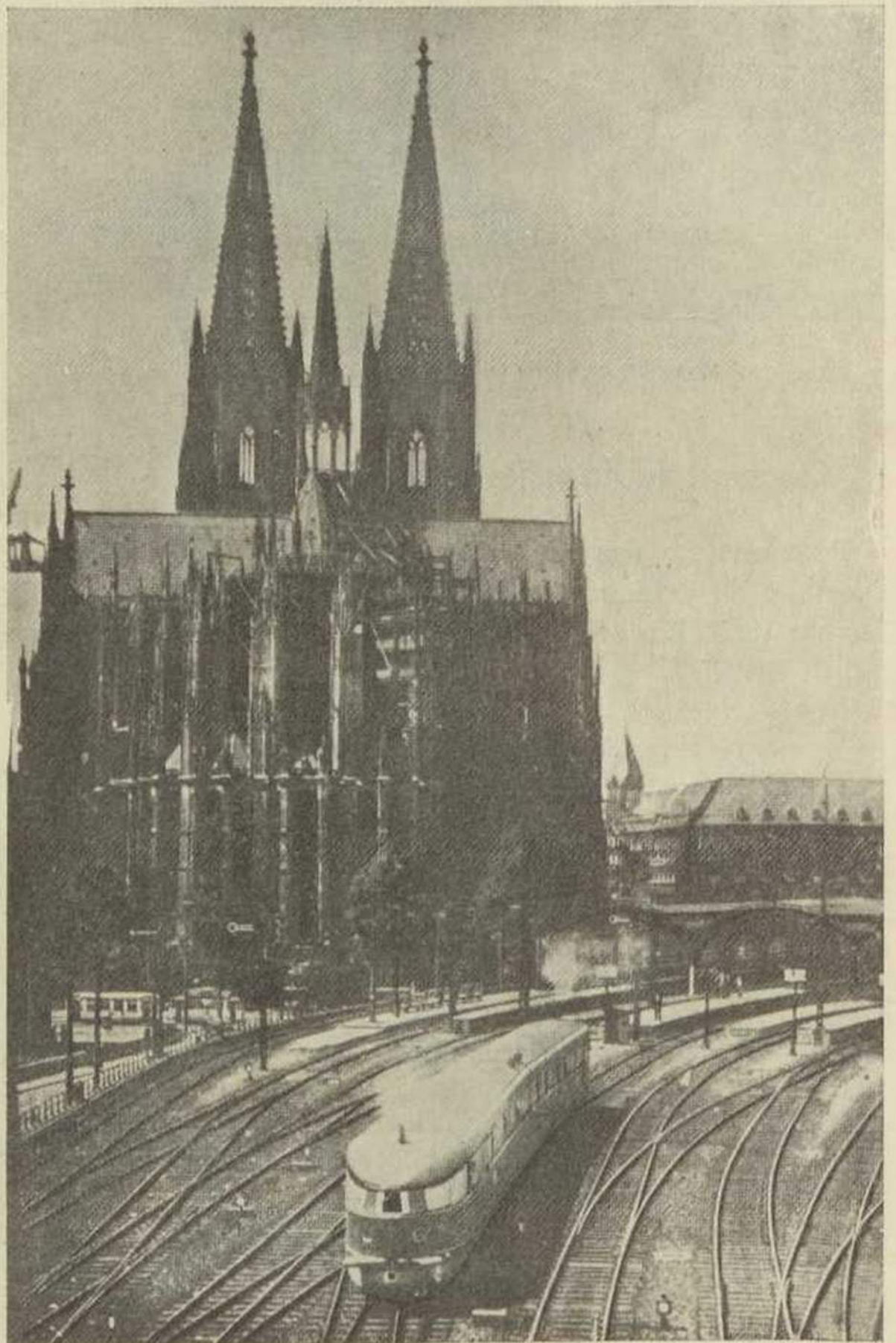


No Egito.

Um comboio conduzindo passageiros para o mercado.



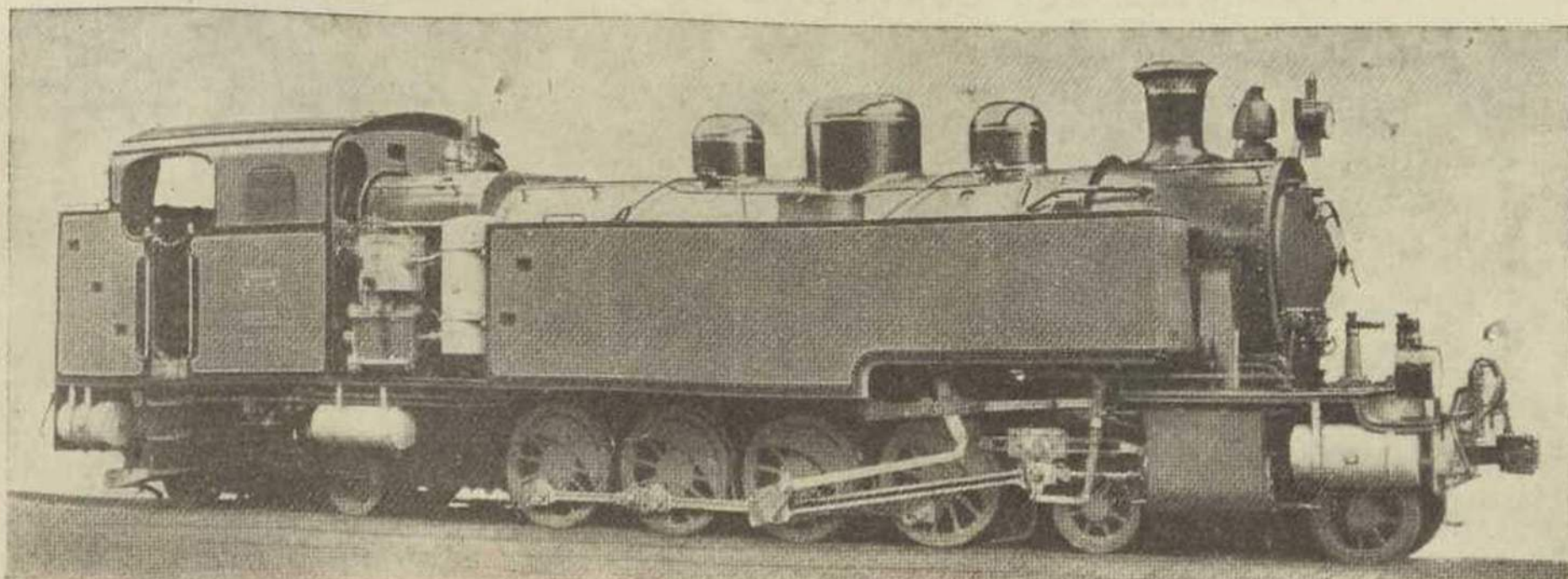
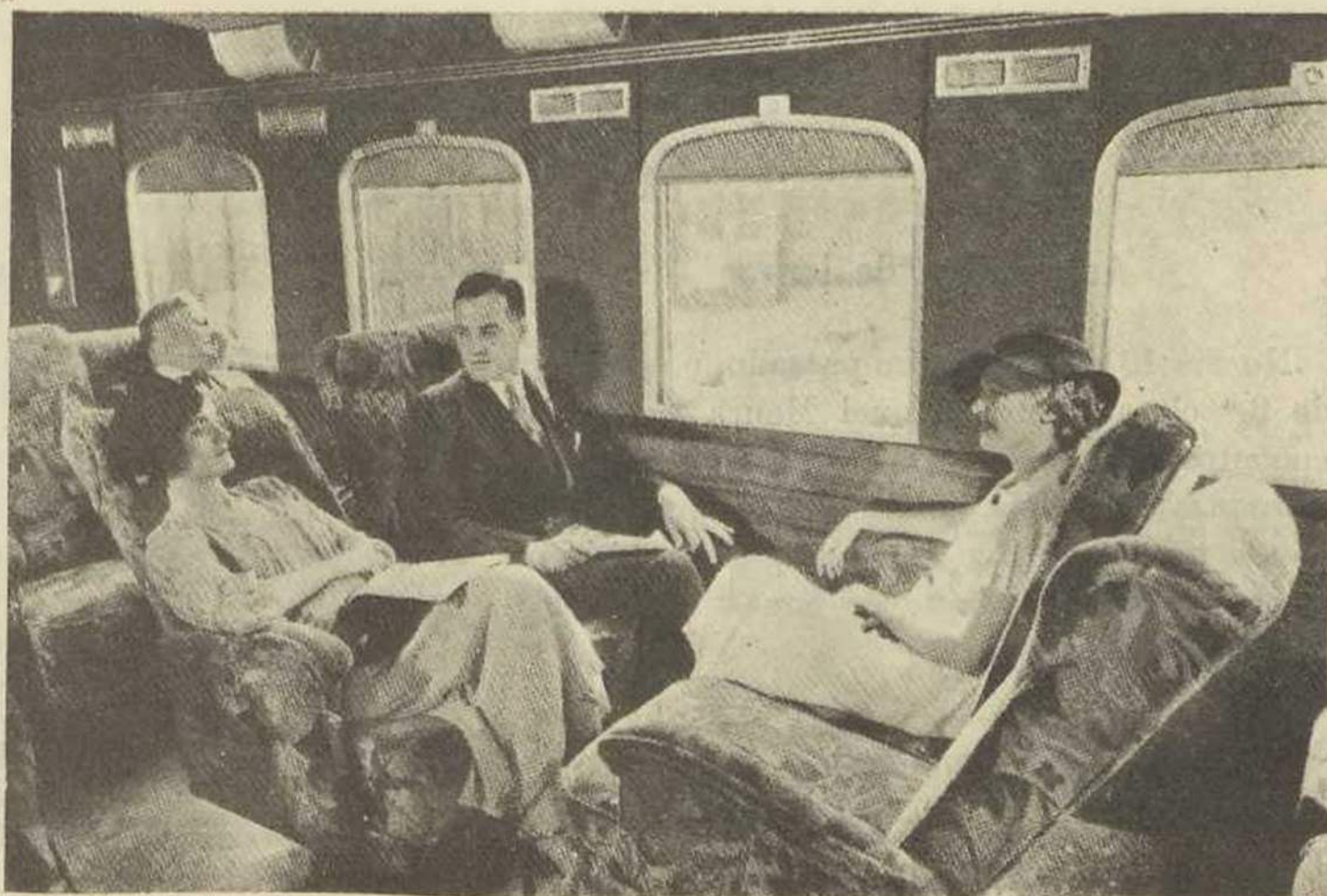
O comboio «Diesel», voador de Hamburgo, circulando em frente da catedral de Colónia, o que constitui um contraste impressionante entre a maravilha da arte gótica e uma das mais recentes realizações da técnica ferro-viária.





A comodidade e o luxo
nos expressos ame-
ricanos.

As gravuras que inse-
rimos mostram a
decoração moderna
de algumas recen-
tes carruagens dos
caminhos de ferro
americanos.



Uma locomotiva da casa Henschel & Sohn, de Kassel, que circula em Marrocos. Pesa 87 Ton. e a capacidade do reservatório de água é de 12 metros cúbicos

Pessoal

Acto digno de louvor

No dia 13 de Dezembro passado, o agulheiro de 3.^a classe, Snr. Manuel Moura Caramelo, encontrou junto da bilheteira da estação de Sarnadas uma nota de Esc. 50\$00 que prontamente a entregou ao chefe daquela estação. É digno de registo o acto de honestidade praticado por êste agente.

Promoção

Mês de Novembro

VIA E OBRAS

A chefe de distrito: Benjamim Maia.

Reformas

Mês de Novembro

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Dr. António José Marques, Médico da 60.^a Secção.

EXPLORAÇÃO

Roberto Augusto, Agulheiro de 2.^a classe.

MATERIAL E TRACÇÃO

Joaquim dos Santos Baêta, Maquinista de 2.^a classe.

Ernesto Mesquita, Fogueiro de 2.^a classe.

VIA E OBRAS

Alexandrina da Silva, Guarda de distrito.

Falecimentos

EXPLORAÇÃO

Mês de Outubro

† Manuel Fontão, Carregador em Vendas Novas.

Admitido como Carregador eventual em 1 de Dezembro de 1926, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Agosto de 1928.

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE QUADRO



Álvaro da Silva Figueiredo

Inspector principal
na 1.^a Circunscrição
Admitido como praticante
em 14 de Setembro de 1895



António José Rodrigues

Chefe de 1.^a classe em Lisboa-P.
Admitido como praticante
em 6 de Agosto de 1895



José Lopes Tarouco

Chefe de 3.^a classe em Olivais
Admitido como carregador
em 8 de Janeiro de 1896

Mês de Novembro

† *Henrique Deryeux Brandembourg Ramos*, Empregado de 1.^a classe dos Serviços Técnicos.

Admitido como Praticante de estação em 10 de Julho de 1901, foi nomeado Aspirante em 31 de Agosto de 1902, promovido a Escriturário de 1.^a classe em 24 de Outubro de 1920, tendo em 1 de Maio de 1928 passado a Empregado de 2.^a classe, sendo promovido a Empregado de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1935.

† *Manuel Inácio Vieira*, Chefe de 1.^a classe em Monção.

Admitido como Praticante em 9 de Julho de 1898, foi nomeado Factor de 3.^a classe em 9 de Julho de 1902 e promovido a Chefe de 1.^a classe em 29 de Janeiro de 1927.

Este falecido agente conseguira ultimamente, após inteligentes diligências de sua própria iniciativa junto da polícia de trânsito, captar para o caminho de ferro bastante tráfego que as caminhetas andavam desviando na região de Monção.

† *António Carlos Freitas*, Fiel de 2.^a classe em Campanhã.

Admitido como Carregador auxiliar em 27 de Novembro de 1903, foi nomeado Carregador efectivo em 4 de Abril de 1906 e Fiel de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1928.

† *Joaquim da Silva*, Condutor de 2.^a classe em Lisboa.

Nomeado Carregador em 7 de Julho de 1911, foi promovido a Guarda-freio de 3.^a classe em



Barcelinhos — Barcelos

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Fotog. do Sr. Américo Gomes, chefe de escritório da 8.^a Secção de Via e Obras.

1 de Abril de 1915 e a Condutor de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1931.

† *Francisco Ferreira*, Guarda de estação em Lisboa P.

Admitido como Carregador suplementar em 4 de Maio de 1898, foi nomeado Guarda em 1 de Março de 1900.

† *Araule José*, Guarda de estação em Lisboa-R.

Admitido como Carregador em 5 de Janeiro de 1911, passou a Condutor de elevadores em 9 de Outubro de 1912 e a Guarda de estação em 21 de Setembro de 1921.

† *José Gomes Vilaça*, Guarda de estação em Contumil.

Admitido como Carregador eventual em 24 de Setembro de 1912, foi nomeado Carregador auxiliar em 22 de Outubro de 1913 e Guarda de estação em 13 de Dezembro de 1923.

† *José de Almeida*, Guarda de estação em Régua.

Admitido como Carregador auxiliar em 23 de Maio de 1908, foi nomeado Carregador efectivo em 7 de Agosto de 1909 e Fiel de balança em 9 de Fevereiro de 1911, tendo passado a Guarda de estação em 18 de Junho de 1923.

† *Joaquim Gonçalves Flôr*, Guarda de estação em Lisboa-R.

Admitido como Carregador suplementar em 20 de Novembro de 1919, foi nomeado Guarda de estação em 21 de Abril de 1921.

† *Joaquim Sérvulo*, Carregador em Portalegre. Admitido como Assentador em 21 de Setembro de 1917 e passado a Carregador em 21 de Agosto de 1925.

MATERIAL E TRACÇÃO

Mês de Novembro

† *João Raposo*, Fogueiro de locomóvel em Caxarias.

Admitido como Limpador auxiliar em 27 de Novembro de 1901, nomeado Capataz em 26 de Maio de 1905 e nomeado Fogueiro de locomóvel em 1 de Março de 1919.

† *Joaquim Vitorino*, Limpador da Revisão de Material Circulante de Entroncamento.

Admitido em 1 de Janeiro de 1927, como Limpador suplementar e ingressou no quadro com a mesma categoria em 1 de Janeiro de 1928.

VIA E OBRAS

Mês de Outubro

† *Hipólito Martins*, Carpinteiro da 2.^a Secção.

Mês de Novembro

† *José Moço*, Assentador do distrito n.º 67.

† *José Ladeiro*, Assentador do distrito n.º 9.

† *João Moreira*, Assentador do distrito n.º 66.

† *Elviro Mendes*, Assentador do distrito n.º 9.

† *Macário Miranda*, Carpinteiro da 10.^a Secção.



† Henrique D. B. Ramos
Empregado de 1.^a classe



† Manuel Inácio Vieira
Chefe de 1.^a classe



† João Raposo
Fogueiro de locomóvel



† Araule José
Guarda de estação

Duplas

7 — A cabeça do cabresto para durar, deve ser feita de tecido grosso para silhas — 3.

Fred-Rico

8 — O homem que viaja por toda a parte é um cosmopolita — 4.

M. D. Coelho

9 — O espírito ao libertar-se da matéria evola-se no espaço, mistério insondável da sua peregrinação — 2.

M. D. Coelho

10 — Combinada

- 1.^a + co — Célebre bandido
2.^a + ma — Caixilho de ferro
3.^a + im — Alimpaduras do arroz
— Medula dos ossos do boi —

Britabrantes

Eléctricas

11 — Qualquer onda marítima deita um cheiro salino — 2.

Otrebla

12 — Para se pertencer à jarreteira é preciso ser-se expedito — 2.

Costasilva

Charadas em frase

13 — Na tua «bola» não existe calvicie — 2-2.

Vasconcelos

14 — Agradeço a delicadeza do envio do diário primitivo — 2-2.

Marquês de Carinhas

15 — Depois da morte, deixa saudosa memória toda a pessoa que teve vida moderada — 2-2.

Roldão

Sincopadas

16 — 3-A pedra preciosa que se supõe ser o rubi está na pipa pequena — 2.

Veste-se

17 — 3-O vício, é a origem em grande número de todos os males — 2.

Novata

18 — 3-A água que fica nos coches dos rebolos de amolar, afirma que é limpa. Cantiga... — 2.

Visconde de la Morlière

Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Janeiro de 1936

Géneros	Preços	Géneros	Preços	Géneros	Preços
Arroz Nacional.. kg. 2\$70 e	2\$75	Far. ^a de milho branco.. kg.	1\$00	Queijo flamengo ... 22\$50 e	24\$80
» Valenciano..... kg.	2\$80	» trigo..... »	2\$15	» da Serra..... kg.	14\$50
Assucar de 1. ^a Hornung »	4\$30	Farinheiras..... »	8\$40	Sabão amêndoa .. »	1\$30
» » 1. ^a manual. »	4\$15	Feijão amarelo.. » lit.	1\$60	» Offenbach..... »	2\$50
» » 2. ^a Hornung »	4\$05	» branco..... 1\$60 e	1\$70	Sal..... lit.	\$16
» » 2. ^a manual. »	3\$90	» frade..... 1\$50 e	1\$25	Sêmea..... kg.	\$65
» pilé..... »	4\$25	» manteiga..... lit.	1\$80	Toucinho..... »	5\$70
Azeite de 1. ^a lit.	7\$65	Grão de 1. ^a »	2\$25	Vinagre..... lit. 70 e	\$75
» » 2. ^a »	7\$25	» » 2. ^a »	1\$40	Vinho branco-Em Campanhã. lit.	\$80
Bacalhau Inglês..... kg.	5\$60	Lenha..... kg.	\$20	» » -Em Tunes... »	\$75
» Sueco. kg. 4\$55 e	4\$60	Manteiga..... »	19\$50	» » -Rest. Armazens »	\$70
Banha..... kg.	7\$60	Massas..... »	3\$40	» tinto-Em Gaia..... »	1\$10
Batatas..... » variável		Milho..... lit.	\$75	» » -Em Campanhã.. »	\$80
Carvão sóbro kg. \$50, \$55 e	\$60	Ovos..... duz. variável		» » -Em Tunes.... »	\$75
Cebolas..... kg.	\$30	Presunto..... kg.	12\$00	» » -Restant. Armazens »	\$70
Chouriço de carne..... »	13\$00	Petróleo-Em Lisboa... lit.	1\$10		
Far. ^a de milho amarelo. »	1\$00	» rest. Armazens »	1\$15		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do imposto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).